

Mounta**in**

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVIII | #162 | jul/ago 2018



JOÃO GIACCHIN
ENTREVISTA

PEDRO NICOLOSSO

VALLE CÓNDORES
CHILE

**SERRA DO
ESPINHAÇO**

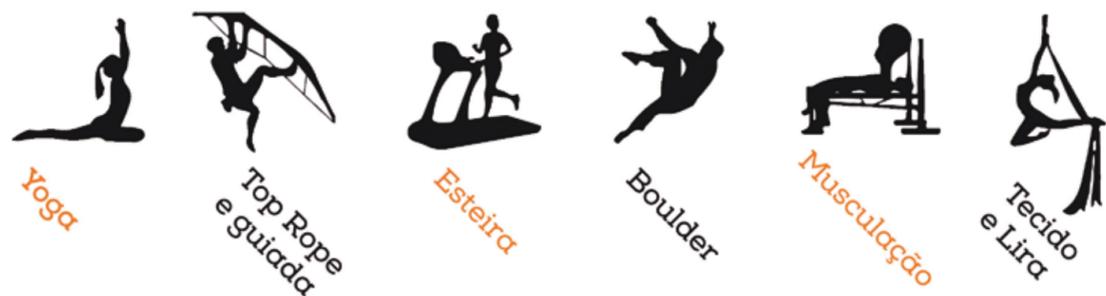
RONI ANDRES
FIM DE UMA GERAÇÃO?

ESCALADA

MONTANHISMO

ESPECIAL

20 ANOS



DUAS UNIDADES • DIVERSAS ATIVIDADES • UMA MENSALIDADE

Perdizes
Rua Venâncio Aires, 31
tel. 11 3879-6800



Moema
Al. dos Guaramomis, 256
tel. 11 4563-2903

O fim de uma geração?

A nossa geração esta desaparecendo... Falo daqueles que como eu já superaram a "barreira" dos 25 anos de escalada. Mas não é só do tempo de atividade que me refiro, afinal o ciclo da vida é inevitável, seja com ou sem o esporte. Sendo eu uma espécie de nostálgico e tendo como uma minha característica forte a reflexão, toda vez que coloco a mochila nas costas, seja ela cheia de equipamentos para uma escalada ou pra conquista de vias, não tenho dúvidas que essa geração esta desaparecendo e com um pouco de descontentamento penso no que será das falésias e daquilo que resta do espírito da escalada das décadas passadas.

RONI ANDRES | ITÁLIA

Quando estive em Caxias do Sul em março deste ano, com desânimo pude perceber um certo abandono das falésias, escaladores novos, daquilo que me contaram os amigos, existe só uma nova geração de adeptos do "plástico" como dizem por aqui, gurizada cheia de energia pra escalar em academia, mas que não tem a mesma motivação da galera que conquistava a base de cliff e marteladas e estava sempre atrás de novos setores. Alias o muro em questão construído por um persistente das antigas, Jimerson Marita o Jimão, que se mantém firme na escalada, ainda acreditando e incentivando ao máximo as novas gerações.

Quando voltei pro Brasil depois de 7 anos, falésias novas no RS eu conheci somente uma, muito legal porém completamente abandonada, até mesmo a trilha de acesso já estava completamente dominada pelo mato, sinal do desinteresse pelo grande trabalho feito naquele setor.

Já de retorno aqui na Itália fiquei sabendo do desenvolvimento de um outro setor nas redondezas da Gruta da terceira Légua, o Setor "Noel Rocks" setor de velhos projetos e onde havíamos (eu e alguns amigos) conquistado muito tempo atrás uma via em

móvel chamada 'Alta tensão'. Esse setor, pelo que me disseram, esta sendo desenvolvido por Thiago Balen, outro que tem muito tempo de escalada e já fez muita coisa importante pelo esporte. Sempre no âmbito do Rio Grande do Sul não posso deixar de falar do Fernando Nicoloso, sempre atrás de novas falésias e áreas de boulders la pelos lados de Santa Maria, as vezes até tendo que "comprar briga" pra fazer um trabalho que no final todos os escaladores saem beneficiados. Tem também o "Japa" e grande amigo Naoki Arima, que saiu do sul pra fazer grandes coisas no ES. Enfim, pra citar gente que eu tive o prazer de conhecer e poder escalar em companhia.

Mas pra quem acha que aqui na Itália é diferente se engana. Seja por uma troca de proteção, uma parada enferrujada, um acesso de trilha ou contenção, uma limpeza... sempre parte daquela galera das antigas e eu me pergunto sempre: - Porque? Afinal o mínimo de esforço de cada um é sempre uma grande contribuição no aspecto geral, visto que os setores de escalada não são particulares e sim para toda a comunidade.

Para grande parte da nova geração é como se as vias e trilhas se materializassem sem nenhum esforço, e onde a manutenção e cuidado dessas áreas não fossem por nada necessários, como se fossem de uma certa forma, eternos.

A resposta que dou pra mim mesmo da pergunta feita acima, é que realmente os tempos mudaram, o lugar onde aprendemos e crescemos como escaladores, onde estamos em contato e sintonia com o meio ambiente, para a grande parte das novas gerações, parece somente um lugar onde encadenar um grau, no qual justificar as horas de treinamento intensivo dentro de um ginásio. Ser visto entrando numa via "fácil"? Sem chance... conheço gente nova que tenta 8c (FR) 11a(BR) tendo encadenado apenas um 8º (FR) 9c(BR). Qual seria o objetivo? Num lugar onde temos a opção de mais de 3.000 vias, de todos os graus e características desejadas? Minha resposta: A competição com os outros está se transformando na ordem do dia mesmo que nos tenham ensinado desde os primórdios do esporte que a "verdadeira competição" se assim se pode definir, é única e exclusivamente com nós mesmos.

A confraternização, a troca de idéias, a diversão foram esquecidas; Nos dias de hoje ouvir um "bom dia" ou uma "boa tarde" na falésia já é motivo de comemoração. E não estou exagerando; vejo sempre menos gente sorridente na base das vias, penso que a ânsia da prestação e a "obrigação" de mandar uma via falam mais alto; triste para um esporte como o nosso...

No começo do texto escrevi que a minha geração esta desaparecendo. E é verdade; a gente cansa, envelhece, larga um pouco de mão, mesmo ainda tendo o amor pela escalada as coisas não são mais tão fáceis como antes, fisicamente falando. Creio que essa nossa geração como muitas outras coisas na vida foi movida pela necessidade. Teve que correr atrás de criar algo pra poder aproveitar. Algo que no nosso tempo não existia, e tenho certeza que as novas gerações também serão movidas pela mesma necessidade - só que aquela de recuperar aquilo que já estava pronto, mas não era dada a devida atenção. Um ciclo no qual passamos todos.

Roni Andres tem apoio de Five-Ten

Solo Outdoor & Travel

LANÇAMENTO

LINHA VERSATILE

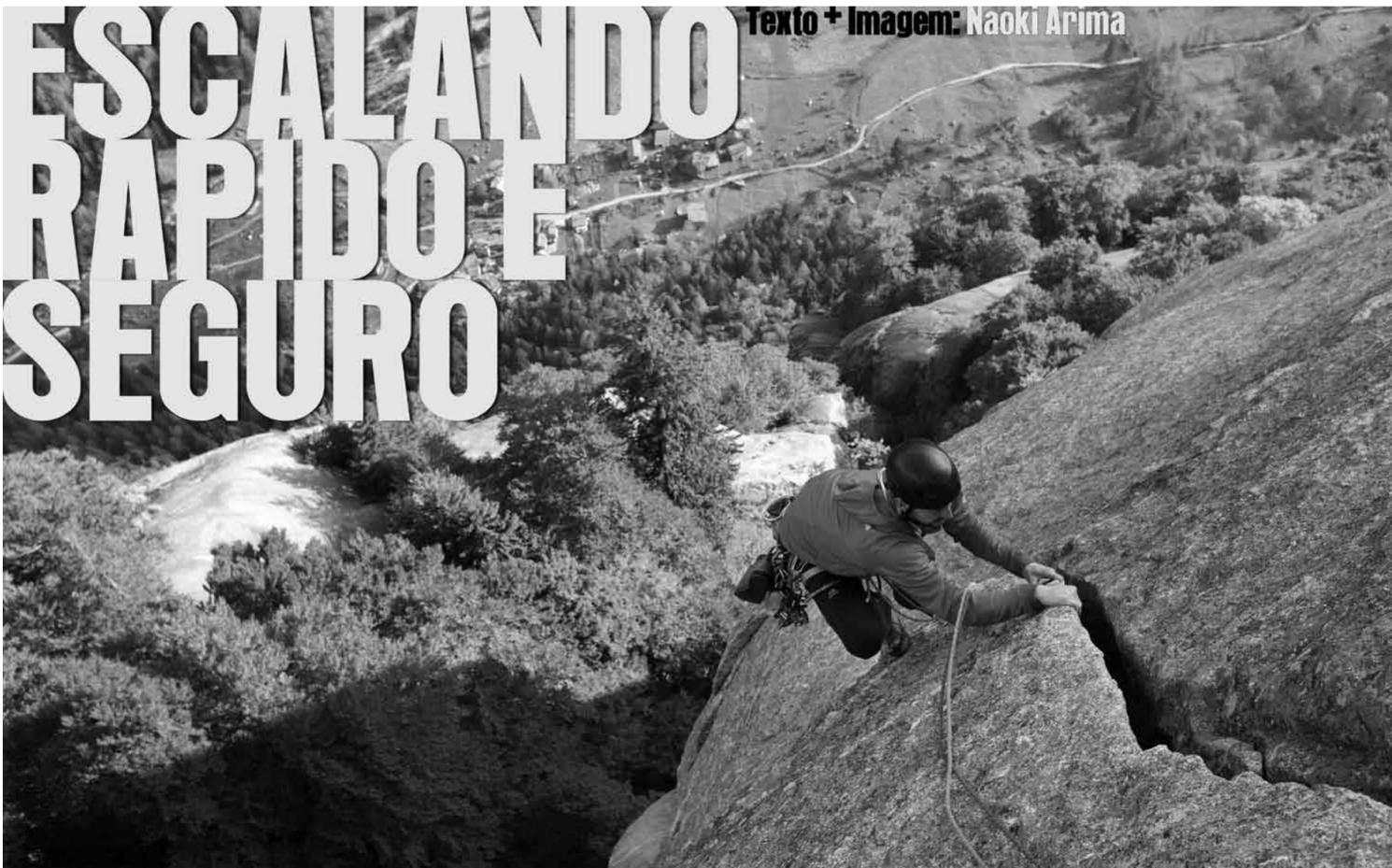
JAQUETAS CORTA-VENTO
RESISTENTES À ÁGUA

www.solo.ind.br



ESCALANDO RÁPIDO E SEGURO

Texto + Imagem: Naoki Arima



No início de junho, a comunidade escaladora, mais especificamente a americana, ficou chocada com mais um acidente fatal que aconteceu na Salathé Wall (El Capitan - Yosemite N. P.) quando uma dupla de escaladores experientes caiu da via enquanto escalava em estilo "speed". Até o fechamento desta matéria, as circunstâncias da tragédia não foram totalmente apuradas e as investigações continuam em andamento.

Quando esse tipo de acidente acontece e principalmente quando envolve pessoas mais experientes ou mais vividas, sempre lembro da vez que quase passei dessa para outra. Em quase quatro décadas de vida, sendo 24 anos de "vivência vertical", em apenas duas ocasiões achei que tinha chegado a minha vez. Ironicamente, a primeira vez não foi nem escalando, mas sim dirigindo, quando perdi o controle do carro numa curva e capotei várias vezes. Aliás, escaladores que perdem a vida ao volante são, infelizmente, bem frequentes e quase entrei para estatística.

Já a minha segunda vez que bati na porta do céu e não fui aceito foi em setembro de 2015, quando fiz uma viagem pelos Alpes com o escalador paranaense Murilo Lara. Após passar alguns dias na região de Chamonix na França, fomos obrigados a partir para Suíça devido à instabilidade climática na região. Chegamos na região de Grimsel nos Alpes Suíços e escolhemos a via Sagittarius (Visup, 450m) para "abrir os trabalhos". Escolhemos essa via porque ela estava muito bem cotada em todas as listas de vias e logo descobrimos o porquê. Essa via é toda protegida com chapeletas

de inox dispostas regularmente, inclusive nas seções de fenda perfeita e com paradas duplas a cada 30m. Uma verdadeira obra prima em termos de segurança. A via era tão segura que a certa altura, aquilo começou a nos incomodar, pois o excesso de zelo estava tirando de nós aquele espírito de aventura que tanto buscamos quando escalamos grandes montanhas.

Escalamos as 14 enfiadas em aproximadamente 4h de escalada e ficamos lá no cume desfrutando um pouco a bela vista da região. Minutos depois, iniciamos o longo caminho de volta pela própria via. Como estávamos sendo seguidos por um trio de escaladores da Islândia, que ainda estava terminando a escalada, achei prudente fazer um rapel curto de 30m do cume, em vez de fazer um longo rapel de 70m, jogando aquele bolo de corda na cabeça dos caras. A escalada já foi bem tranquila e os 14 rapéis eram bem previsíveis, então acabei baixando um pouco a guarda. Os primeiros metros do primeiro rapel eram por um rampão de granito e só depois a pedra "dropava" de verdade. E aquilo me transmitiu uma falsa e perigosa sensação de segurança. Mais uma vez baixei a guar-

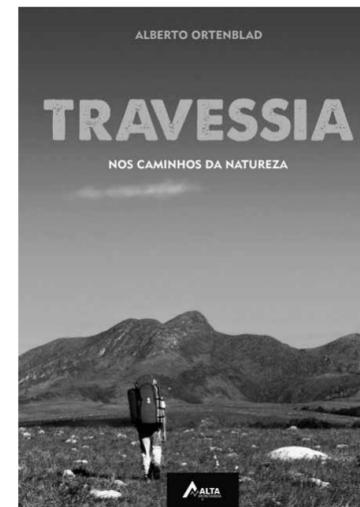
da e cometi dois erros primários. Como era um rapel curto, por um terreno pouco inclinado, dispensei o famoso nó no final da corda, pois tinha muita chance de prender nesse rampão inicial e também acabei abrindo mão do prussik de backup em detrimento à desculpa de ganhar tempo em terreno fácil. Comecei o rapel e assim que a pedra ficou vertical, consegui ver a mochila lá no início da via a uns 400m de distância. Também constatei que o trio já estava bem adiantado, inclusive, o guia já estava na última parada antes do cume, justamente na parada que eu iria utilizar.

Respeitando os protocolos, fui descendo devagarzinho e puxei um assunto com o guia. Conversei algumas banalidades até ele oferecer um espaço na parada para que eu pudesse me juntar. A medida que ia conversando com ele, eu continuava descendo pela corda e quando ele disse: Sim, claro, tem espaço aqui na parada! Eu travei a mão no freio e instintivamente olhei para baixo e para o meu desespero, vi que eu estava a apenas meio metro do final da corda! Se eu descesse mais um pouco, com certeza iria despencar em

queda livre até a base da via! Na hora, gulei até a espinha e sem muito alarde fui até a parada, onde me ancorei em segurança. Nunca contei essa história para o Murilo e nem o islandês notou o quão perto eu estava de despencar no vazio, pois tudo se passou numa fração de segundos. Até hoje, quando eu relembro esse incidente, fico com o estômago embrulhado, pois eu sei que escapei da morte por um detalhe. Foi como se Deus tivesse me dado uma segunda chance.

Chance essa que muitos não tiveram, assim como a dupla de escaladores na Salathé. Aquela experiência de menos de 20 segundos me fez refletir muito sobre a vida. E o que mais me assustou no episódio foi que eu sabia de todos os procedimentos de segurança e do que era certo e errado, mas, bastou algumas decisões erradas, num momento que até hoje não sei o que me levou a não dar um nó no final da corda ou abdicar do prussik para que o final fosse trágico. Aprendi que uma tragédia pode ser anunciada por uma sucessão de erros ou por uma simples tomada de decisão errada numa fração de segundos. Escale esperto, galera! Escalada é coisa séria!

A Travessia de Alberto



vessia, impresso pelo Clube de Autores e que tem 127 páginas. Este primeiro livro conta as primeiras andanças de Alberto pelos sertões brasileiros e as primeiras de suas andanças pelo exterior. Mais do que as histórias aventurasas, a riqueza do livro de encontra nas analogias e relações das situações e lugares com outras situações ou pessoas. Como magistralmente o fez no capítulo Walden, Muir e Yosemite, onde conta a influência que o Henry Thoreau teve sobre John Muir, o famoso naturalista inglês que migrou para os Estados Unidos e foi o grande responsável pela criação do Parque Nacional de Yosemite.

Após mais de duas décadas escrevendo artigos sensacionais e ansiosamente esperados pelos leitores do Mountain Voices, Alberto Ortenblad, nosso mãos assíduo colaborador decide publicar dois livros.

Acabo de terminar a leitura de Tra-

Os capítulos de Travessia são curtos. Drops de inspiração que você pode ler em pequenas doses e se inspirar para sair por aí, perambulando simplesmente no agreste. Enquanto este ainda existe.

Para contatos com Alberto, use o e-mail ortenblad@terra.com.br

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

- Ambiente descontraído
- Assistência personalizada
- Suporte técnico
- As melhores marcas

Black Diamond, PETZL, edelweiss, CAMP, LA SPORTIVA, CLIMB, BONIER EQUIPAMENTOS, CURTLO, deuter, THE NORTH FACE

BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

Desde 1989 formando montanhistas e escaladores

Escalada em Rocha

- Curso Básico 2 dias
- Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida
- Campos-escola preparados e equipamentos certificados.
- Alojamento em nosso abrigo.

Cursos Avançados 2 dias

- Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes.
- Experiência comprovada

Escaladas Guiadas

- Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Areas Remotas

- WFA-Wilderness First Aid 2 dias
- Certificação internacional pelo ASHI - American Safety & Health Institute (EUA) e Padilha Treinamentos
- Turma 2018: 23 e 24 de junho

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

deuter, Solo Outdoor & Travel, TENAYA, TRANGO



Se eu soubesse que ia escalar em azulejo, não precisaria sequer ter saído da minha casa. Essa foi a primeira coisa que eu pensei (não exatamente com essas palavras) ao entrar na primeira via no Valle de los Cóndores, no Chile. O tanto de xingamentos que me passou pela mente foi resultado do choque do meu primeiro contato com o basalto: na via mais fácil da parede (um quinto grau), a aderência da rocha é ridícula, as agarras de pés quando existem são bem bem pequenas, as mãos passam grande parte do tempo em fendas que parecem ter sido cortadas a laser, e sempre na distância precisa para que eu tenha que me esticar até perder o ar.

Chegar até lá foi trabalhoso para quem tinha apenas uma semana de folga: um voo nos levou de Guarulhos até Santiago. Optamos por fazer o câmbio e comprar o gás no bairro da Providencia, dentro da cidade. Isso nos custou um pouco de paciência no trânsito, mas a taxa do câmbio nos rendeu 10% a mais do que no aeroporto ou no Brasil; e havia uma loja de artigos outdoor a algumas quadras das casas de distância das agências de câmbio. Almoçamos e partimos em direção ao sul cerca de 200km por uma estrada muito boa, com vários pedágios e bastante movimentada até a cidade de Talca. Acharmos por bem dormir na cidade e entrar na última parte da viagem durante o dia, o que foi um grande acerto.

Na manhã seguinte, às 08h00, o mundo ainda estava em trevas, o sol estava timidamente tentando nascer. Abastecemos o carro, fizemos compras no supermercado e entramos na estrada que segue em direção leste, e que cruza as cordilheiras dos Andes pelo Paso Pehuelque. Essa estrada é um atrativo turístico em si, a cores do outono haviam transformado a vegetação em ouro, passamos por vales, vilarejos e subimos as montanhas. Perto do km 133, começamos a ver paredes escaláveis em um vale à nossa esquerda, e antes da placa do km135 (como estava descrito no guia) havia uma entrada para carros, não sinalizada. Entramos na terra e alguns metros à frente encontramos uma placa com as regras locais

e tivemos certeza que aquele era o lugar. Acerto 1: o local não é tão perto de Santiago, e a entrada facilmente pode passar despercebida no escuro.

Escolhemos acampar em uma das áreas permitidas, onde já haviam algumas proteções de pedras contra o vento. Encontramos, ou melhor, fomos encontrados por um escalador que nos deu algumas informações mínimas: água só no rio mais distante, uma vez que o primeiro rio estava fechado para a construção de uma hidroelétrica; é proibido escalar na área à direita de uma ponte de concreto abandonada, pois pertence a outra pessoa; os banheiros químicos foram recolhidos e portanto cada qual é responsável por adequadamente enterrar aquilo que entregar para o

mundo.

Barraca montada partimos em direção a La Grand Pared protegidos por óculos, corta-vento, agasalho, touca e tudo o mais que se pode pensar para minimizar os efeitos do vento. A primeira via deixou essa impressão que já descrevi. Escalamos ainda outras vias na mesma parede, todas com formações de rocha interessantes, agarras improváveis, alcances longos. Pelo fato de a rocha ser "lisa" as colocações de friends não parecem confiáveis; e as colocações de nuts praticamente não existem, uma vez que as fendas são muito paralelas.

Acerto 2: trouxemos muitas peças, pelo menos dois friends de cada tamanho, inclusive grandes. E trouxemos apenas

uma corda de 60m: não precisa de mais. Nesse dia encontramos o crux 1 do rolê: água. Não havia água onde nos indicaram e o local onde podíamos ver água estava a 1h de caminhada. Ruim. No segundo dia acabamos achando água em uma ponte que passa sob a estrada, não porque parecesse confiável, mas porque era a que havia disponível. Ficamos bem encanados por não termos levado um filtro. Bola fora 1: contamos com a água que não existia e passamos sede no primeiro dia.

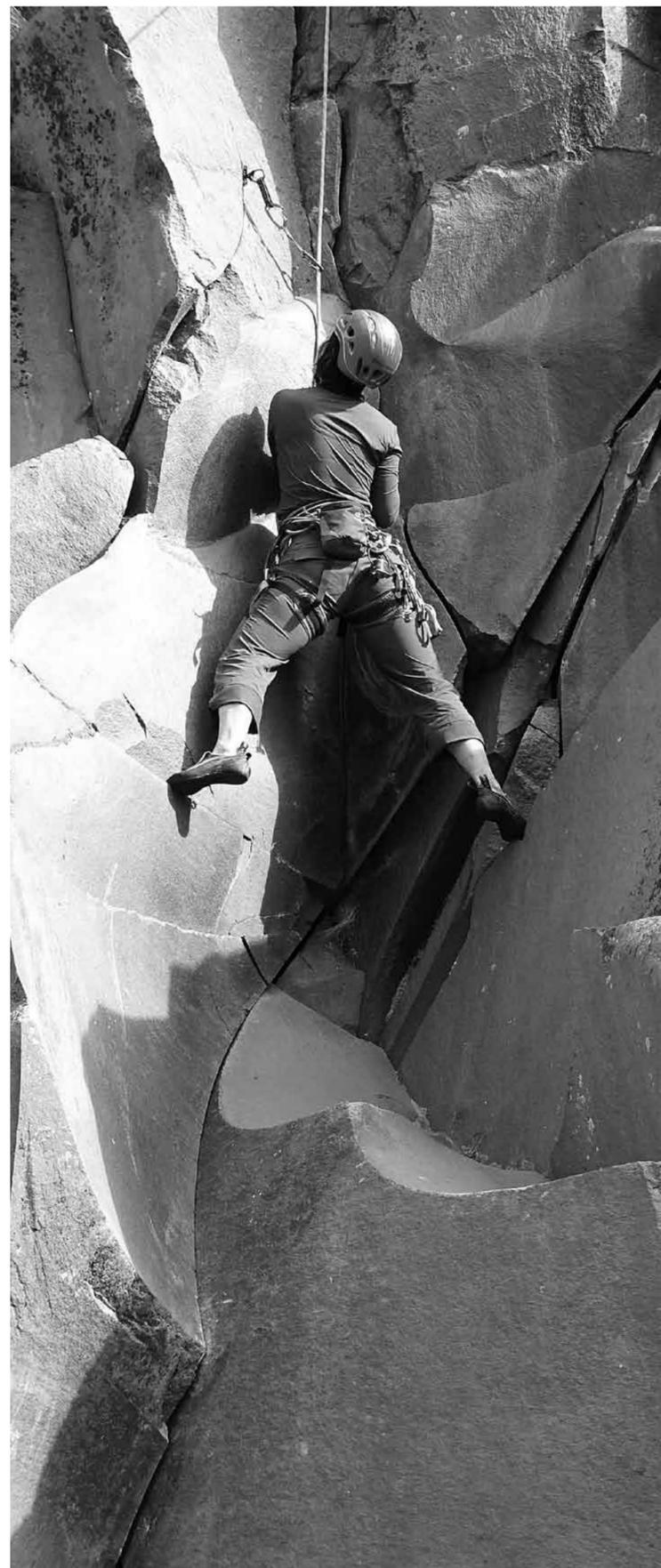
Logo o vento forte trouxe chuva, e passamos uma noite ouvindo o nosso próximo dia de escalada desaparecer afogado. Amanheceu às 10h, um dia escuro e frio, com garoa fina que ia e vinha. De novo, colocamos toda as peças cabíveis para nos proteger contra o vento, mais aquelas indicadas para a chuva e saímos em direção ao setor La Carcél, que sabíamos ser negativo e possivelmente seria o único seco. Irmandade, andamos. Andamos muito. Teoricamente encontraríamos água no caminho, mas no leito dos rios só havia pedras. Eu tive bastante medo, a vida ficou desagradável, a trilha era longa, acidentada, confusa, tomei várias quedas, descemos uma via ferrata que felizmente tinha um cabo de aço para fazer a segurança, pois havia vários degraus soltos, até que duas horas depois, chegamos ao setor. Um teto grande, com formações em forma de colunas hexagonais lado a lado, fendas perfeitas, um lugar espetacular, feito para ser escalado. Ressalva: feito para ser escalado por alguém que sabe que onde se lê 6°, pode-se esperar um 8°; que tenha peças para proteger 30 metros de uma fenda paralela do início ao fim e bastante coragem. Eu não achei que tivesse esse perfil, e guardei minhas energias para o longo caminho de volta. Acerto 2 de novo: peças repetidas, para proteger as fendas paralelas. O Eliseu passou mal, pois precisava de mais peças repetidas do que tínhamos e teve que retirar as de baixo para usar mais acima. O croqui é pouco detalhado nesse aspecto, então previna-se e leve muitas peças repetidas se for entrar nas rotas tradicionais.

O terceiro dia veio com sol e nenhum vento. Andamos sem camisa e suando, passando pelos diferentes setores. Encontramos alguns escaladores (quatro, do total de onze que veríamos no final de semana) nos setores La Escuela e La Cocina. Nesses lugares há vias de menor grau de dificuldade, e com proteção fixa. Bons lugares de aclimação. Passamos ainda por outros setores, mas escalamos pouco. Encontramos algumas vias legais, outras com bolts e sem chapa, algumas abandonadas e muito sujas; e ainda outras paredes em que caberiam tantas vias, mas ainda inexploradas. Andamos de setor em setor, mas a geografia do lugar ainda era um mistério na minha mente, como um labirinto de paredes e buracos. Nesse dia nos deparamos com

o crux 2: comida. Para esticar um pouco mais a nossa estadia precisaríamos de mais comida. A má notícia é que a vendinha do povoado mais próximo estava a 35km; e para abastecer e garantir o sucesso da empreitada, teríamos que voltar 100km na estrada. Sem chance. Bola fora 2: trouxemos comida e gás na medida. Precisávamos de mais.

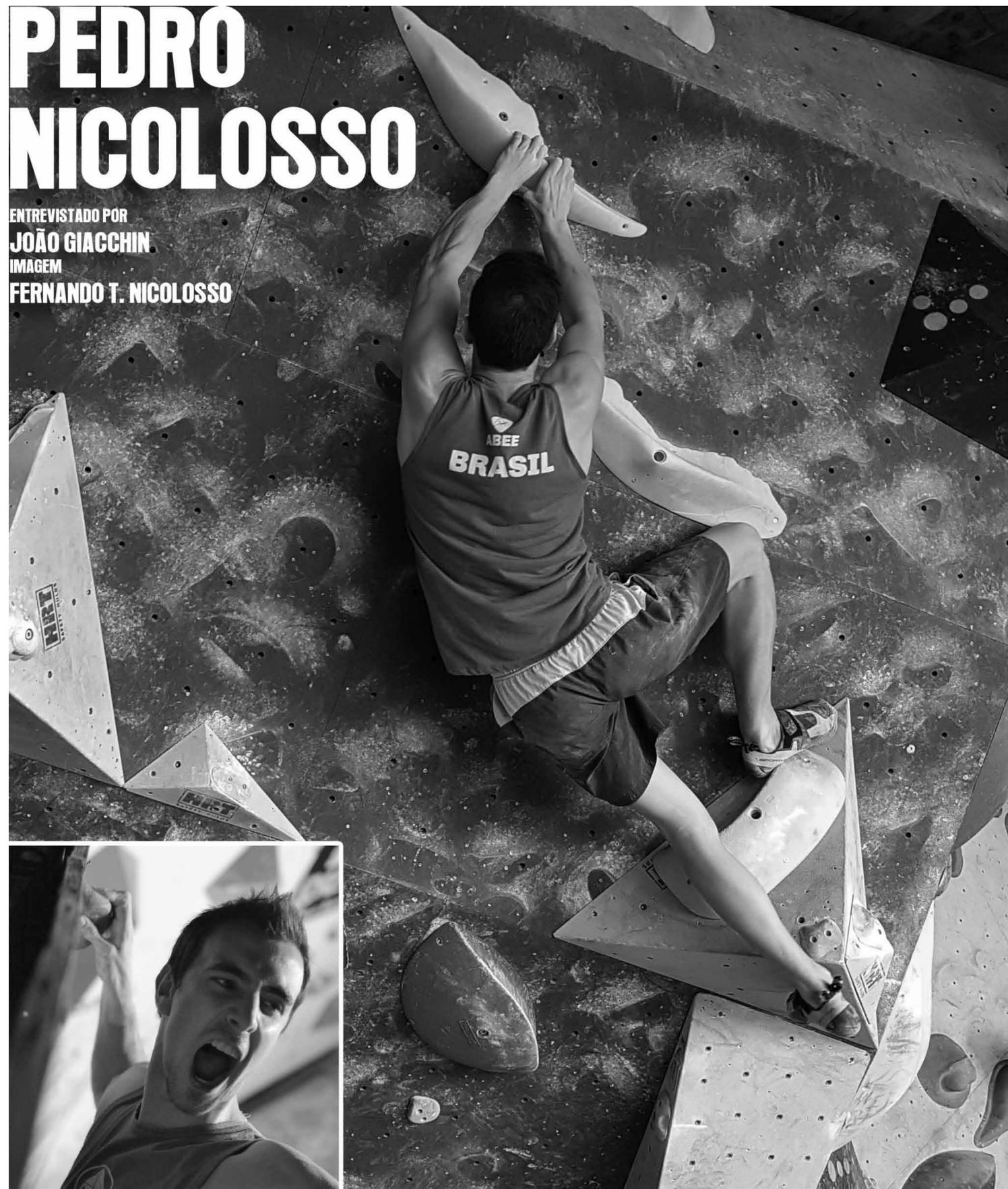
O quarto dia veio com sol e tempo lindo. Decidimos escalar na parede Talca, com vias de dificuldade variada, proteções fixas e móveis, diversão garantida. Depois de alguns dias aprendendo como é a brincadeira nos Condores, foi dia de se esbaldar nos entalamentos: dedos, mãos, pés, punhos, só não entalei a cabeça. Agradei cada momento em que estava com a luva de entalamento em fendas, porque foi o que garantiu a diversão sem (muito) sofrimento. No meio da tarde, já estrupiados, vimos o vento frio e as nuvens chegando. Quase sem comida, quase sem gás, quase sem energia, decidimos descer e começar a volta para Santiago. Alguns metros no caminho de volta, havia muitos carros de turista parados para ver uma tal "Cachoeira Invertida". Curiosidade incontrolável, fomos lá. São 5 minutos de caminhada até um mirante a partir do qual se vê o setor Carcél, e todo o vale. Ai comecei a entender a relação entre as paredes, os rios e os setores. Um pouco tarde, talvez... Aportamos no início da noite em um camping que estava no caminho para Talca, onde a temperatura estava bem mais amena. Fomos à vendinha local, tocamos a campainha e esperamos pela oportunidade de comer um chocolate. Acerto 3: admitir que nesse mundo, quem manda é o tempo. Durante a noite ventou demais, e o dia seguinte amanheceu tenebroso.

O dia seguinte foi de entrega ao mundo: conectados com a internet, visitamos uma vinícola em Maipo, arrumamos um bed & breakfast em Santiago (com um chuveiro espetacular), jantamos hambúrguer, tomamos cerveja. Acerto 4: trazer o dobro do dinheiro que se espera gastar. Mesmo ficando acampados sem custo por 3 noites e comprando comida no supermercado, em Santiago (e no Chile) encontramos preços próximos ou acima do que aqueles que se praticam na cidade de São Paulo. Um prato modelo simples (tipo PF) não custa menos do que 5000; um expresso, 1200; uma empanada 1000; etc... Não foi uma viagem daquelas que dá pra descrever como prazerosa: a escalada foi um espanco seguido de outro, passei medo, não encontrei o que esperava em uma viagem de escalada esportiva. O Eliseu curtiu pacas a "fendolândia". Enfim, na minha idade já me dei conta que nem tudo que traz satisfação é prazeroso. A experiência com certeza me ajudou a me tornar uma pessoa mais esperta e uma melhor escaladora, sem nenhuma parte do corpo quebrada. Tá ótimo.



PEDRO NICOLOSSO

ENTREVISTADO POR
JOÃO GIACCHIN
IMAGEM
FERNANDO T. NICOLOSSO



No século passado, na década de 1980, na cidade de Curitiba, participei de uma conversa inusitada para aqueles anos, no qual o tema de conversação foi o de uma remota possibilidade de que a escalada viesse a fazer parte dos eventos multiesportivos dos Jogos Olímpicos. Trinta anos mais tarde, o Comitê Olímpico Internacional na ocasião das Olimpíadas de 2016, na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, anunciou publicamente que a escalada seria apresentada para o público como uma modalidade olímpica nos próximos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020; uma hipotética e romântica pretensão do passado que se faz realidade, e o Brasil se prepara para tal evento com excelentes atletas.

Pedro Nicoloso, atleta inspiracional, campeão brasileiro na modalidade de Boulder e escalador de rocha de referência nacional, se prepara para esta aventura olímpica assim como muitos outros atletas de diversos países.

Na tendência atual onde o esporte passa por uma transformação a nível internacional, é um orgulho nacional que o Brasil tenha atletas referenciais que cultivam os princípios éticos do esporte, como tu, Pedro Nicoloso: De onde vem o teu entusiasmo para com a escalada em rocha?

Primeiramente João, obrigado pelas palavras bonitas e motivacionais, pois é com muito orgulho que visto a camiseta do Brasil nas competições. Meu Primeiro contato com a escalada foi na rocha e meu interesse surgiu pelo fato de estar em contato com a natureza e grandes amigos, na qual era difícil ficar mais que 5 minutos sem dar risada. Essa atmosfera e energia positiva me prenderam à escalada na rocha e sou apaixonado pelo esporte e sempre busco cultivar os laços do passado, ou seja, buscar momentos de alegria. Ao longo dos anos eu trouxe essa atmosfera para o mundo das competições e, portanto, adoro poder rever os amigos e participar dos eventos.

Quantos anos estás escalando, e onde começaste?

Estou escalando há 16 anos sem interrupções. Aos 12 anos de idade por motivação de meu pai (Fernando Teixeira Nicoloso) tive meu primeiro contato com a escalada em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desde o início adorei muito a experiência de poder estar em contato com a natureza. Além disso, a companhia que tive nessas aventuras sempre foi maravilhosa. Posso dizer que mantenho contatos até hoje com essas pessoas. Aos 13 anos de idade meu interesse por treinamento cresceu muito e busquei da melhor forma possível evoluir meu nível na escalada. Nessa época comecei minha jornada de 16 anos em competições ao redor do mundo.

Dentro do Brasil geológico, quantas formações rochosas diferentes existem propícias para o desfrute do esporte? E, de todas estas formações rochosas, quais são as mais atrativas para ti, quais te transmitem mais entusiasmo e inspiração? Em que tipo de rocha tu te sentes mais cômodo escalando?

São inúmeras as formações rochosas e se estendem do sul do Brasil até o norte. O potencial do Brasil para a escalada é gigantesco apenas precisamos de mais e mais pessoas explorando as possibilida-

des que nosso país tem a oferecer. Posso dizer, que já tive a oportunidade de experimentar diferentes tipos de rochas para escalar e realmente posso dizer que não tenho preferência porque encaro cada desafio como uma oportunidade de melhoria e adoro todo o processo. Muitas pessoas brincam comigo que não experimento um período de adaptação em setores novos e se tenho, ele é muito curto porque me adapto muito rápido, acredito nisso em verdade porque realmente gosto de estar escalando.

A habilidade que uma pessoa precisa desenvolver para desfrutar da escalada em rocha sem excessivos limites, já representa relevantes obstáculos para o resto da humanidade. Para um atleta de nível olímpico, onde está o limite?

Meus passos para me tornar um atleta de elite ainda estão sendo dados, mas o limite deve estar até onde uma pessoa consegue se imaginar na frente dos desafios. Com isso quero dizer o quanto uma pessoa está disposta a investir naquilo que ela realmente deseja. Quando se está no topo, são os pequenos detalhes que fazem a diferença e a persistência diferencia um atleta dos demais.

Nacionalmente, se percebe que o Brasil tem demonstrado muito entusiasmo na organização de projetos em prol dos Jogos Olímpicos. Regionalmente existem apoios para atletas que se preparam para representar o país?

Nacionalmente, os projetos estão todos em andamento e em funcionamento. Sou muito grato pela ajuda que a ABEE (Associação Brasileira de Escalada Esportiva) está dando para formar uma equipe, ou devo dizer uma família de atletas. Regionalmente, posso falar apenas pelo estado do Rio Grande do Sul e realmente não vejo incentivos para formar atletas de ponta, se existem são incentivos de pequeno impacto. Para formar atletas de elite, é preciso investir no futuro dos centros de treinamento, tanto em ideias como materiais adequados ao nível internacional. Há muitos anos o Rio Grande do Sul ficou parado no tempo devido a migração dos atletas de elite para outros centros fora do Brasil. Tenho tentado incentivar novamente o trabalho deixado por essas pessoas e me colocado à disposição para ajudar as pessoas mais próximas a mim que desejam evoluir na escalada.

Como representante do Rio Grande do Sul para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, qual o apoio esperas encontrar da associação da qual tu também representa?

Espero apoio financeiro para pagar as despesas de viagem, são elas, transporte, alimentação e estadia. Além disso, desejo ter apoio das inscrições nas competições e por último um uniforme de dar inveja.

Um atleta olímpico além de eventualmente treinar em rocha natural, precisa dedicar praticamente a maior parte de seu tempo enfocando esforços em programas de treinamentos específicos para superar os limites de um evento de competição mundial onde predomina obviamente um elevado teor de qualidade. O local de treinamento proporcionado a ti, no Rio Grande do Sul, é suficientemente adequado para treinamentos de padrão internacional?

Concordo plenamente com o mencionado acima, o nível internacional é alto e exige qualidade, bem como está evoluindo numa velocidade impressionante. No Rio Grande do Sul, estamos ainda engatinhando e totalmente despreparados para a missão que nos será dada. Se não acontecer grandes mudanças no cenário atual, infelizmente não teremos chances de disputar em nível internacional. Acredito que cabe a mim trazer essas experiências para o Rio Grande do Sul e tenho investido tempo e dinheiro para garantir um futuro melhor para mim e demais companheiros. Porém é notável a falta de receptividade que tenho encontrado nos mais variados ambientes para implementar as mudanças necessárias.

Se um atleta gaúcho (ou de qualquer outra região) não encontra apoio suficientemente apropriado e oportuno para representar o estado (e o país), onde este atleta encontrará o apoio que merece e que precisa?

Se o atleta não encontra apoio no próprio estado devido à falta de incentivo das associações ou empresas, infelizmente existem poucas opções. A mais garantida é formar uma carreira paralela a escalada e investir nos estudos. Além disso, tentar contar com o apoio de familiares e amigos. Outra opção é se manter no topo do ranking para estar na seleção brasileira de escalada, a qual está sendo formada pela ABEE. Todas essas opções eu tive que seguir frente ao pequeno incentivo no Rio Grande do Sul.

Faltam aproximadamente dois anos para a celebração dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020; ocasião especial na qual pela primeira vez na história atletas do mundo estarão representando a 'Escalada'. Quais os projetos

mais sobressalientes da comunidade escaladora, das associações ou federações para apoiar-te, visto que você é um dos atletas mais qualificados para representar o Rio Grande do Sul, assim como o próprio Brasil?

Os projetos são diversos e, por enquanto, somente estão vinculadas a ABEE, que especificamente dará apoio financeiro para pagar as despesas de viagem em participações de algumas competições internacionais. Além disso, é também de interesse da ABEE levar os escaladores da seleção brasileira para treinar nos grandes centros na Europa e demais regiões do mundo. Assim será possível trocar informações e trazer as experiências para as novas gerações. No entanto, como estou motivado com a possibilidade de representar o Brasil, estou desde já correndo atrás para investir no meu futuro como escalador profissional, comprando equipamentos, viajando e conversando com o maior número possível de pessoas.

Caso você não encontre o apoio necessário e merecido no Rio Grande do Sul para desenvolver teu treinamento de cara aos Jogos Olímpicos, existe alguma outra alternativa de apoio a nível nacional ou internacional?

Sim existe, a primeira é a ABEE que exige que os atletas permaneçam entre os melhores do ranking brasileiro e tenham uma conduta de responsabilidade frente ao esporte. Em seguida, se nenhuma empresa fornecer ajuda, é preciso contar com familiares, amigos e trabalho paralelo.

Para que os atletas brasileiros estejam preparados para todas as modalidades de escalada de cara aos Jogos Olímpicos, quais seriam as estruturas mais urgentes a serem construídas no Rio Grande do Sul (e no próprio Brasil) para que no estado (e no próprio país) os atletas tenham as condições de treinamentos garantidas a nível internacional?

No cenário brasileiro, seria necessário construir urgentemente uma parede na qual atletas possam treinar a modalidade de velocidade. O ideal seria desenvolver um centro de treinamento para os atletas da seleção brasileira, mas no momento por questões financeiras acredito que não seria possível, pois para que mais dinheiro seja injetado pelo COB é preciso que os atletas de escalada mostrem nível compatível às exigências internacionais. No Rio Grande do Sul, seria necessária uma reforma mais ampla que vai desde a construção de paredes para as três modalidades: velocidade, guiada e boulder que sigam

as normas internacionais. Além de uma estrutura física, é necessário adquirir o maior número possível de agarras que estão sento usadas nas competições internacionais. Infelizmente, nesse aspecto estamos quase na idade da pedra. Para diminuir esse problema de defasagem tenho comprado algumas agarras com dinheiro do próprio bolso, mas isso tem uma contribuição limitada devido ao alto custo. Também tenho investido muito na confecção de volumes de madeira e agarras de resina, sempre com ajuda familiar.

Se tratando de uma novidade experimental a nível olímpico, como um dos atletas representantes do Brasil e por tanto da América do Sul, qual o significado desta experiência para ti como escalador de rocha (e de competição) a representar o Brasil num evento olímpico?

Se eu realmente vier a representar nosso país, acredito que não conseguiria descrever a alegria e orgulho que sentiria. Estou muito feliz pela inclusão da escalada nos jogos olímpicos e quero muito fazer parte do evento. Essa é uma oportunidade de que teria de mostrar ao mundo a beleza do nosso esporte e do que realmente amo fazer. Quem sabe assim, atrairíamos mais investidores para o desenvolvimento da escalada como prática esportiva mais popular.

Além dos treinamentos pré-olímpico, tu consegues tempo para escalar em rocha natural e distrair-te um pouco com vida cultural e social, ou o foco não deve ser distraído ou extraviado com outras atividades? Existe pressão?

Atualmente, minha vida profissional está exigindo bastante tempo. Pela manhã e tarde tenho que estar na faculdade fazendo minha pesquisa para o mestrado em engenharia mecânica. Pelo final da tarde, tenho que treinar 4 horas, desse modo sobra pouco tempo para distração, embora ela exista e seja de extrema importância para minha saúde mental. Sim, existe bastante pressão quanto ao treino indoor diário, no entanto, gosto muito de ir para rocha e estar em contato com a natureza para esquecer a vida corrida na cidade.

A pressão psicológica em escalada em rocha ela pode ser amenizada por fatores externos como: mudança de planos em consequência de fenômenos meteorológicos, atividades propícias de descontração, brincadeiras entre companheirismo e outras formas de controle de pressão, como literatura, leitura, fotografia, visualização criativa, contemplação da natureza, etc.; em escalada de competição onde predominam discernimentos de táticas de estratégias preferentemente enfocadas para performances comparativas com perspectivas de pontuações de qualificações e risco de desqualificações, como amenizas este fator de pressão que é inevitável e pode abalar a sentimentalidade durante as temporadas de entrega competitiva?

A resposta para essa pergunta é bem com-

plexa, mas para resumir de forma simples, tento focar bastante em pensamentos positivos, que vão desde estar com as pessoas certas na fase pré-competição, isso ajuda a manter a energia positiva para o ambiente de treinamento, sempre que possível levo pessoas positivas para treinarem comigo. Além disso, como um dos fatores mais importantes, é fazer simulações periódicas de competições na qual trago o maior número possível de detalhes para o ambiente, por exemplo, diversos tipos de som, alimentação, boulders ou vias mais exigentes, entre outros. Dessa maneira, busco que minha mente não se assuste durante o evento e encarre como mais um dia de treinamento.

Como escalador de rocha, quais são os setores de escalada que fazem parte da tua agenda e preferência?

Como me criei escalando no sul do Brasil, tenho muita admiração por este local e sempre que possível busco escalar em Caçapava do Sul, Caxias do Sul e Santa Maria que são os locais que mais amo escalar. Desde pequeno eu frequento a cidade de Caçapava do Sul e sempre foi um local na qual eu encontrei paz e desafios compatíveis ao meu nível de escalada. Santa Maria, foi a cidade onde morei 20 anos, meus pais moram lá e obviamente busco construir uma história legal para a cidade pois quero ajudar especialmente as pessoas próximas a mim. Caxias do Sul, tive um contado maior em 2017 e o local tem se mostrado excelente para a prática de escalada, onde tenho amigos importantes e desafios que fazem eu lutar cada vez mais para chegar ao nível que desejo.

A nível nacional quais são os setores de escalada que mais te transmitem inspiração?

Posso dizer que viajei muito pelo Brasil para escalar e o setor que mais me transmite inspiração sempre foi Caçapava do Sul, pelo fato de investir anos de minha vida para completar os desafios mais difíceis que já enfrentei e logicamente pelo fato de ser um local muito bonito e repleto de amigos. Caxias do Sul, tem se mostrado como um grande potencial para minha escalada atual e quero muito investir mais do meu tempo lá para completar alguns projetos que tem a possibilidade de serem os mais difíceis do Brasil.

Para quem não conhece a cultura da escalada; poderias explicar o que significa ‘Boulder’, esta modalidade de escalada na qual tu seres o atual campeão brasileiro?

O Boulder é uma das modalidades da escalada esportiva, juntamente com guiada e velocidade. No Boulder, os desafios são curtos e extremamente difíceis e técnicos, na qual, em caso de competição, o atleta não tem nenhum ponto do corpo mais alto que 3 metros de altura, logo as paredes não possuem mais que 5 metros de altura. Em função disso, os atletas não utilizam equipamentos de segurança além dos colchões apropriados que devem obrigatoriamente amortecer a queda e garantir total seguran-

ça. Além disso, esta é uma modalidade de extrema atratividade porque é nela, em minha opinião, que os movimentos mais bonitos são explorados e mostrados ao público. Em nível de competição existem três fases. A primeira é a fase classificatória, que tem 5 desafios e seleciona os melhores 20 atletas. Esses atletas participam da fase semifinal que consta de 4 desafios. Nessas fases iniciais, os atletas têm 5 minutos para completar os desafios e, dentro desses 5 minutos, o atleta visualiza o problema (desafio) pela primeira vez, portanto é preciso muita experiência e prática para se dar bem. Na última etapa, a final com os seis melhores atletas, consta de 4 desafios, e eles podem trocar informações por 2 minutos por desafio antes da competição começar.

Como estão os ânimos dos outros escaladores brasileiros diante desta circunstância de oportunidade de um provável encontro em Tóquio 2020, dentro de dois anos, para celebrarem esta festa de celebração internacional na qual a escalada será apresentada por primeira vez na história entre os múltiplos esportes dos Jogos Olímpicos?

Os ânimos estão em alta e muitos atletas, assim como eu, estão se preparando para tentar fazer parte desse evento tão importante. Aqui no sul do Brasil, acredito que poucas pessoas estão animadas uma vez que o grupo de atletas é muito restrito e o investimento para tal evento é muito pequeno, praticamente todos os custos saem do próprio bolso.

Em quais os países da América do Sul já tiveste a oportunidade de realizar escaladas em rocha natural?

Tive a oportunidade de escalar em alguns lugares da Argentina, principalmente em setores de Bariloche e em La Buitrera. Essas experiências foram fantásticas, pois experimentei vários tipos de rochas e formações, mas também porque conheci pessoas de inúmeras partes do mundo, as quais acrescentaram significativamente na minha carreira como atleta. Tenho mantido o contato com essas pessoas deste então e já visitei alguns em seus países de origem.

Além do Brasil, como seguem as preparações pré-olímpicas dos outros países da América do Sul para Tóquio 2020?

Tenho contato com algumas pessoas do Chile e Argentina, alguns dizem que estão na mesma situação que nosso país se encontra. No entanto, os atletas estão dando o seu melhor nos treinos para que possam participar do evento olímpico. Tenho trocado informações de treino com eles quando posso e isso tem me ajudado a progredir bastante e descobrir o meu nível atual.

A nível sul americano, em quais os países participaste de competições de escalada?

A nível sul americano, tive a oportunidade de competir apenas no Chile, no even-

to TNF Master de Boulder que reúne os melhores atletas do continente e alguns atletas de nível internacional que são patrocinados pela marca.

Tiveste oportunidade de escalar em outros continentes e interagir com escaladores de outros países?

Sim, tive a oportunidade de viajar razoavelmente por alguns países da América do Norte e Europa. Isso fez com que eu pudesse trazer para o Brasil muitas experiências que vivenciei. Posso citar que já escalei nos Estados Unidos, Canadá, Chile, Argentina, Holanda, Itália, França, Alemanha, Áustria e entre outros lugares. Cada lugar me proporcionou experiências diferentes, as quais guardo com muito carinho. Nessas aventuras pelo mundo, conheci pessoas fantásticas e importantes do esporte, sendo que tenho tentado manter o contato. Poder trocar experiências e estar atento às novas possibilidades é algo que tenho cultivado atualmente, desse modo consigo ver grandes diferenças no meu treino e crescimento pessoal. Continuarei investindo nisso!

A nível internacional, quais são os escaladores que mais te transmitem inspiração, tanto em escalada de rocha natural como de escalada de competição?

Falar apenas de uma pessoa seria meia verdade, mas tenho muita admiração por um atleta chamado Adam Ondra. Admiro a persistência, dedicação e maneira de ver o esporte no geral. Quanto às competições, O Adam é muito talentoso, isso me motiva para chegar aonde ele chegou. Mencionar o famoso Chris Sharma também é importante, pois ele desenvolveu a escalada de rocha e competição em um nível muito importante para nós. A persistência dele para fazer as primeiras ascensões (First Ascent) me moldou para ter o mesmo perfil e adoro buscar superar os meus limites. Atualmente, tenho tentado elevar os níveis das graduações das primeiras ascensões no Rio Grande do Sul e Brasil.

Quais os tópicos desfavoráveis mais relevantes na atual tendência da escalada em rocha?

No Brasil, infelizmente os tópicos desfavoráveis são inúmeros e fica difícil descrever em apenas um parágrafo. No Rio Grande do Sul sofremos muito com algumas pessoas que não são capacitadas para desempenharem a liderança nas associações. Assim, existem dificuldades para aqueles que estão querendo fazer a diferença pelo esporte. Posso citar também, disputas de ego que atrasam o desenvolvimento do esporte aqui no Rio Grande do Sul. Infelizmente querer mostrar poder perante os outros só atrasa a evolução da escalada esportiva e do montanhismo como um todo. Sem falar no desrespeito presente nos setores de escalada, através de atitudes que não são compatíveis, nota-se muitas vezes intrigas para ver quem sabe mais e/ou é o

melhor. Na verdade, devemos buscar divertimento, companheirismo, etc.

Quais os tópicos mais construtivos e oportunos da cultura do nosso esporte a serem preservados?

Posso citar a união entre diferentes culturas do mundo que nos faz crescer como pessoa. Bem como, a oportunidade de aproximar o ser humano da natureza para que ele encontre harmonia, que muitas vezes é carente da vida corrida da cidade. Também o respeito e troca de informações entre atletas e praticantes do esporte do mundo inteiro. Para tanto é preciso preservar dentro de alguns limites o que nos foi dado/fornecido.

A tendência de competição sempre houve e sempre gerou confraternização entre esportistas conscientes dos benefícios destes eventos. Qual a solução para esportistas que só encaixam nos vínculos polêmicos e que por tal tendência perdem, ou, jamais tomam conhecimento das belezas do nosso esporte?

Sim, as competições existem há muitos anos tanto no Brasil como no cenário internacional e o objetivo além de testar os limites dos atletas é justamente o de socializar as pessoas com as demais culturas. Atletas que estão fora de alguns padrões podem deixar de evoluir rapidamente, pois trocar experiências com as demais pessoas faz o nosso currículo enriquecer, seja descobrindo novos caminhos ou simplesmente sabendo exatamente o que não fazer. Aprender com os erros e acertos dos demais atletas é vantajoso e estar consciente disso é um diferencial enorme. Acredito que precisamos apenas deixar um pouco de lado o orgulho e abrir nossa mente para crescermos um pouco mais.

Além do esporte, quais são as tuas outras inclinações? Quais são tuas outras preocupações além da vida esportiva?

Além do esporte, estou construindo uma carreira acadêmica em Engenharia Mecânica. Estou fazendo mestrado na área de energias e gosto muito do assunto. Tive a oportunidade de fazer parte do programa Ciências sem Fronteiras e aproveitei muito para descobrir o que realmente gosto de fazer dentro das diversas áreas da engenharia.

Como administras a tua carreira esportiva com a vida familiar e com a tua formação universitária?

De forma mais profissional possível, onde foco bastante em realizar as atividades por etapas. Tento me concentrar apenas no que estou fazendo no presente e divido meu dia cuidadosamente para que possa dar atenção a tudo que gosto de fazer. Para mim, quando estou escalando consigo esquecer os problemas das outras etapas e, portanto, é fundamental para minha saúde. Minha relação com familiares é excelente e adoro poder conversar e dar atenção a todos eles.

Quanto a treinamentos específicos e sistêmáticos para a escalada em rocha, no meu tempo, a uns 30 anos atrás, eu observava como se lesionavam os jovens escaladores, e tentava aprender com o historial daqueles que se machucavam treinando, e que por isso deixavam de escalar. Hoje em dia, em consequência de pretensões absurdamente sobre-humanas, podemos acompanhar inúmeros casos clínicos e traumáticos de escaladores atletas de etapas ‘Juvenil’ expressando suas frustrações diante destas catastróficas avalanches lesivas. A brutalidade dos efeitos de um quadro de ‘overtraining’ exagerado na adolescência, desrespeitando dias de descanso, podem causar desgastes psicológicos em função de sobrecargas mecânicas relacionadas ao estresse ao que o escalador submete seu corpo em fase de desenvolvimento: Qual o conselho do atual campeão brasileiro para quem está iniciando de forma afobada, impaciente e sem noção das consequências de traumatismos físicos e psicológicos?

Essa é um fator muito comum atualmente e pode ser explicado de algumas maneiras, porém não sei a resposta de todas elas. Primeiramente, o nível de escalada está subindo a cada ano e assim, submetemos o nosso corpo a situações/treinos que ainda não estamos com pleno conhecimento. Um exemplo disso são os novos produtos lançados no mercado, os quais ainda não sabemos os riscos que eles podem causar. É muito importante aprender com as pessoas sobre os caminhos do sucesso e adaptar para a nossa condição. Em segundo lugar, alguns treinadores não estão devidamente qualificados e atualizados sobre os novos métodos de treinamento e, consequentemente, submetem seus alunos a treinos indevidos ou desatualizados. Estar atualizado requer muito tempo e total paixão pelo que se faz. Infelizmente, me deparo com muitos professores que não se atualizaram e submetem seus alunos à condições nas quais jamais deveriam experimentar. Finalmente, nosso esporte está evoluindo e alguns limites são impostos sobre a separação de categorias por idade e não permitindo que atletas muito jovens compitam com atletas de elite (mais velhos). Dessa forma se garante pelo menos um pouco que o nível seja dentro da faixa etária. Com isso, reduzem-se de certa forma, os grandes riscos de danos a nova geração, permitindo que os mesmos entrem de forma progressiva nas competições. Meu conselho é sempre estar informado e buscar pessoas que se encontram nessa condição. Conversar com pessoas é importante para nosso crescimento, mas é preciso estarmos de cabeça aberta para aprendermos. No momento em que tivermos sobrecarregados ou não nos sentirmos felizes é importante tentar tirar a pressão de nossas costas, diminuir a carga dos treinos e aproveitar mais para conhecer novos lugares. Não há mal nenhum em diminuir o ritmo dos treinos por certos períodos, pois isso só tem a nos acrescentar. Quanto a pressão colocada nas nossas costas é importante estar rodeado de amigos com energia positiva, motivados e compreensivos.

O desafio da mudança no nosso esporte assim como na própria vida, ele é inevitável. A inevitabilidade da mudança ela é melancólica para esportistas da velha escola, porém, inspiracional para as novas gerações. Um equilíbrio entre novas tendências e velhos conceitos seria o ideal para não perdermos a poesia da escalada. Como campeão brasileiro de escalada (que não se conforma com zonas de conforto), qual o teu conselho para estimular a ética no nosso esporte? Fique a vontade para enfocar os tópicos mais importantes.

Como princípio básico, devemos aprender a respeitar e conviver com todas as escolas. Entretanto, me parece inevitável reparar essa tendência da escola antiga onde alguns escaladores ainda estão muito presos no passado. Dentro apenas da escalada esportiva, principalmente em nível de competição, evoluir significa se adaptar para uma determinada situação desafiadora. Quando treino diariamente, estou me adaptando para uma determinada situação que não conheço totalmente (competição que é cada vez mais exigente). Atualmente, nosso esporte está evoluindo para tentar criar mais atratividade para o público em geral, e isso, inevitavelmente, cria momentos de descidas e subidas de motivação e conflitos dentro dessa jornada. O esporte não pode ser restrito apenas para poucos e sim, cabe a nós mostrar a beleza dele para outras pessoas que ainda não o descobriram. Podemos acrescentar muito com a novas ideias e tornar nosso esporte ainda melhor para todos. Precisamos respeitar os limites de cada um, e assim cair o menos possível em pontos de baixa motivação pessoal e de conflitos interpessoais. Restringir a evolução da escalada esportiva, seja pelo desenvolvimento de novos setores em rocha (através do uso de fura-deiras e abertura vindo de cima), bem como do estilo da escalada (mais acrobática, etc) é algo que limita o potencial que podemos atingir. O esporte encontrará o caminho certo de evolução através de ideias inovadoras, desde que não tenhamos medo de errar para aprender.

Última pergunta: Qual é o prêmio? O que levamos por dedicar-mo-nos toda uma vida escalando pedras, absurdamente difíceis para outros seres humanos?! O que diria um campeão brasileiro de escalada esportiva que além das expectativas olímpicas também escala pedras absurdamente difíceis para o resto da humanidade?

O prêmio pode vir de diferentes formas, mas em minha opinião o que busco é crescimento pessoal, saúde, oportunidade de descobrir/explorar o mundo e ter a oportunidade de ver diferentes culturas. Somos persuadidos pela natureza e buscamos cada vez mais elevar o nosso nível de escalada. A medida que envelhecemos, tentamos passar nossos conhecimentos para outras pessoas e, portanto, continuamos acrescentando para o esporte. É preciso aceitar nossa condição para ver o esporte crescer com o decorrer do tempo.

A magia do apogeu poético do alpinismo sempre foi refletida na escalada em rocha como sendo a alquimia mágica oriunda do berço das primeiras escaladas que deram luz ao próprio alpinismo; este conceito poético será conservado ou com o tempo será perdido e esquecido em consequência das tendências de valores mais comerciais?

O conceito poético será conservado e sempre disponível para aqueles que realmente querem entender o como o esporte cresceu ao longo do tempo. Para entender o processo de evolução é preciso saber como o passado era. Essas informações são muito importantes para que possamos lembrar e admirar as pessoas que lutaram para desenvolver nosso esporte. Tenho muita admiração pelas pessoas que desenvolveram nosso esporte aqui no Rio Grande do Sul e outros estados brasileiros. Por ter essa admira-

ção é que meu comprometimento em dar continuidade a esse trabalho existe. Realmente quero entender mais e mais sobre a história do esporte para me conectar ainda mais com ele e, consequentemente, fazer o meu melhor para preservar a história e ao mesmo tempo buscar evoluir de forma admirável como foi feita.

A escalada poética que eu iniciei no sul do Brasil a trinta anos atrás ela se perderá com o tempo ou ela seguirá inspirando as novas gerações?

Não será esquecida e será passada de geração em geração. Porém, é necessário termos cuidados em deixar a informação sempre disponível, seja em livros, sites, ou outras redes que temos atualmente.

Para ir finalizando, uma pergunta que sempre faço: A rocha é um elemento natural; composição da formação do universo... Que alquimia é esta que tem este elemento, que tanto nos seduz?

Formas geométricas que nos atraem e que nos fazem querer explorar o mundo para descobrir novas formações. Em mim, ela cria um instinto de união entre homem e natureza nas quais quero conhecer os limites que nos foi dado.

Última pergunta: Qual é o prêmio? O que levamos por dedicar-mo-nos toda uma vida escalando pedras, absurdamente difíceis para outros seres humanos?! O que diria um campeão brasileiro de escalada esportiva que além das expectativas olímpicas também escala pedras absurdamente difíceis para o resto da humanidade?

O prêmio pode vir de diferentes formas, mas em minha opinião o que busco é crescimento pessoal, saúde, oportunidade de descobrir/explorar o mundo e ter a oportunidade de ver diferentes culturas. Somos persuadidos pela natureza e buscamos cada vez mais elevar o nosso nível de escalada. A medida que envelhecemos, tentamos passar nossos conhecimentos para outras pessoas e, portanto, continuamos acrescentando para o esporte. É preciso aceitar nossa condição para ver o esporte crescer com o decorrer do tempo.

É inédito na cultura da escalada entrevistarmos atletas olímpicos por ser uma modalidade olímpica nova tanto no âmbito do nosso esporte como não usual para os próprios Jogos Olímpicos: Me sinto honrado pela oportunidade de entrevistar-te (um dos primeiros atletas do Brasil a preparar-se para este evento). Gratidão é uma sentimentalidade oportuna nestes tempos de transformações; o tempo passa, as coisas se transformam; eu torço pelo teu sucesso, pelo teu êxito e por uma possível medalha olímpica. Torço para que tu consigas ser um dos atletas a representar o Brasil nos eventos de Tóquio 2020. Querido Pedro Nicoloso, boa sorte! JG

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (IX): O CALCÁRIO

"Sueña el rico en su riqueza, que más cuidados le ofrece; sueña el pobre que padece su miséria e su pobreza; sueña el que a medrar empieza, sueña el que afana y pretende, sueña el que agravia e ofende, y en el mundo, em conclusión, todos sueñan lo que son, aunque ninguno lo entiende."

Yo sueño que estoy aquí destas prisiones cargado y soné que em outro estado más lisonjero me ví. Qué es la vida?, un frenesí; qué es la vida?, una ilusión, una sombra, una ficción, y el maior bien es pequeno: que toda la vida es sueño, y los sueños, sueños son."

Calderón de La Barca

Uma nova realidade começa em Montes Claros: a rocha calcária. A rigor, ela não integra a Serra do Espinhaço, cuja geologia é diferente. Porém, se intrromete nela, com resultados interessantes: as cavernas, os lajedos e as matas secas. Durante os próximos quatro artigos, você viajará fora da cordilheira para o oeste, até retornar a ela no que talvez seja a sua feição mais radical.

Alberto Ortenblad | SP



A Província Calcária

Trilha PE Lapa Grande, MG

Você já encontrou uma importante formação calcária na Gruta da Lapinha, em Lagoa Santa, onde o naturalista Peter Lund descobriu seus fósseis pioneiros. Foi a primeira vez que esta rocha substituiu o quartzito preponderante no Espinhaço. E também quando falei do point de escaladas do Morro da Pedreira, na Serra do Cipó. Depois, viu uma menção a ele na Serra do Cabral, cuja posição na cadeia do Espinhaço costuma deixar os geólogos perplexos.

Mais ao norte, voltará a encontrar uma serra carbonática quando estiver se aproximando de Montes Claros pelo sul. O Parque da Lapa Grande é formado por esta rocha, que integra seu maior atrativo. Quando o Rio Peruaçu teve seu curso interrompido, foi o calcário que ele teve de escavar para encontrar sua foz no São Francisco – e, ao fazê-lo, criou um conjunto das

mais lindas cavernas do Brasil em Janaúria.

Em toda a região próxima a este grande rio, você conhecerá um bioma inexistente no resto do país: a mata seca, assentada com frequência sobre lajedos calcários, onde a água é drenada do solo. Ao norte em Montalvânia, já junto da divisa com a Bahia, quando João Geólogo iniciou sua pesquisa arqueológica, foi nas lapas carbonáticas da região que encontrou as mais incríveis inscrições rupestres.

Francisco da Soledade refugiou-se numa gruta calcária, onde foi erguido o Santuário de Bom Jesus da Lapa, nas margens baianas do São Francisco. Dentre as principais atrações da Chapada Diamantina estão as grutas de Iraquara, onde o carbonato contribuiu para suas águas cristalinas e seus delicados espeleotemas. Mas a Chapada é soerguida por uma parede

quartzítica, que contém no seu interior formações areníticas – portanto, o calcário é nela apenas um enclave. Se você avaliar as distâncias envolvidas, verá que são mais de 550 km no sentido sul-norte entre Montes Claros e Iraquara. E mais de 150 km no sentido oeste-leste entre o São Francisco e o Verde Grande através do grande território calcário de Pandeiros no norte mineiro. De novo, a oeste deste espaço, você encontrará o arenito que embasa o Brasil Central e, a leste, o quartzito de que o Espinhaço é feito. Então, como pode existir essa província calcária tão gigantesca, inserida no meio dessas outras rochas que grandemente compõem nosso país?

A História Geológica

A origem das rochas carbonáticas é antiquíssima, datando do chamado

Pré-Cambriano, entre 1-2 bilhões de anos atrás, quando a vida surgia na Terra. Elas resultaram da lenta deposição e compactação das carapaças e esqueletos animais, sob um mar então raso e salino. Essa foi a chamada Formação Bambuí – ao atravessar nosso país, ela pode ser encontrada desde o Sudeste até o Nordeste.

Mas este mar regrediu quando o mundo se fragmentou há ½ bilhão de anos com a ruptura do antigo continente Gondwana, que separou a América da África e criou o Oceano Atlântico. Este evento apagou todos os registros posteriores à deposição original. Muito tempo depois, há 100 milhões de anos, num mundo de plantas e peixes dominado pelos dinossauros, os calcários foram recobertos pelos arenitos da Formação Uruçuia.

Em seguida, o movimento das placas tectônicas causou fraturas de que resultou a abertura do vale do São Francisco há 50 milhões de anos, época dos grandes mamíferos. Este evento acarretou o entalhamento das rochas existentes, modelando o relevo atual. Mas a circulação da água subterrânea começou a agir em tempos recentes sobre a rocha carbonática soerguida, criando os condutos aquíferos de que resultaram as muitas cavernas da região.

Esta presença calcária só pôde ocorrer a partir daquelas áreas invadidas pelos mares primitivos. Além disso, este antigo embasamento só veio a ser trabalhado nos locais onde fora soerguido. Montes Claros e o Vale do São Francisco estão localizados exatamente sobre falhas geológicas que permitiram o afloramento desta rocha calcária.

Uma Experiência Visual

Existe uma maneira de você visualizar de uma só vez essas diferentes formações rochosas. Você ouvirá mais adiante sobre o Projeto Jaíba, localizado na região calcária, e sobre a Ser-



Ponte de Pedra, PE Lapa Grande, MG

ra Nova de Porteirinha, onde está uma das mais radicais reservas do Espinhaço, formada por um belo quartzito acinzentado.

Você pode experimentar sair de uma cidade para a outra, ao longo de um cómodo trajeto de 100 km por asfalto. Em Jaíba, você verá os montes abaulados e as rochas cinzentas e desgastadas típicas do calcário.

Ao passar por Verdelândia encontrará de repente um paredão avermelhado e retilíneo, perfeitamente característico do arenito, que de uma forma curiosa se introduziu lá – sem que antes ou depois haja vestígio dele.

Chegando em Janaúba, você notará que a disposição, o desenho e a coloração do maciço rochoso à sua frente são outros: trata-se enfim do quartzito, que circunda o espetacular reservatório da Represa Bico de Pedra.

Mais adiante, ao deixar Porteirinha, você verá no horizonte o delírio visual dos perfis recortados da Serra Nova, coloridos pelo claro cinza do quartzito. Em tão pouco tempo, você terá deixado o humilde, frágil e subterrâneo calcário, para encontrar o atrevimento das paredes ásperas e vertiginosas do quartzito.

O Lapa Grande

O Parque Estadual da Lapa Grande é uma reserva urbana, situada dentro da cidade de Montes Claros, a 400 km de Belo Horizonte. Capital do norte mineiro, a cidade teve uma origem comum

a toda a região, a partir da bandeira de Matias Cardoso, que antes havia trabalhado com Fernão Dias. Você conhecerá mais dele num próximo artigo.

Mas o processo de industrialização fomentado pela SUDENE a partir de 1970 causou um forte crescimento demográfico. Hoje Montes Claros é mais populosa que qualquer outra cidade da região, desde Vitória da Conquista ao norte, Governador Valadares a leste e mesmo Palmas a oeste. Deixou de ser uma cidade pobre e desorganizada.

Achamos que o norte mineiro é um só, semelhante ao de Diamantina. Mesmo os mineiros dificilmente viajam para além dela. Mas o Norte de Minas é um outro país, nem totalmente mineiro e nem completamente baiano. Os aspectos sociais, econômicos e visuais são diferentes: mais pobre e vazio, mais árido e plano, mais seco e lenhoso, mais alegre e extrovertido.

O PELG foi criado para proteger as nascentes do Rio Vieiras e, futuramente, do Rio Cedro, que são cursos que abastecem a cidade. Nele existem muitas nascentes, sumidouros e ressurgências, cuja conservação é muito importante nesta região árida, de chuvas razoáveis, mas de clima quente e solo seco.

Estabelecido em 2004, fica a apenas 6 km a leste do centro e conta com 7.800 ha, recobertos por vegetação de cerrado e mata seca e habitados por animais de médio porte. Está sendo proposta sua ampliação ao norte, em áreas ocupadas pelo eucalipto, para 15.000 ha.

Sua altitude varia de 650 a 1.030m. Foram identificadas quase 60 grutas e 40 sítios arqueológicos, com pinturas e gravações. A mais conhecida é a Lapa Grande, símbolo do Parque, cuja boca pode ser visitada. É uma formação extensa, com mais de 2 km. As Lapas Pequena e sobretudo Pintada, diferentemente da Lapa Grande, apresentam pinturas rupestres na coloração sépia, com belas representações de animais. De todas as grutas, a de mais bela decoração calcária é a Lapa d'Água.

A vegetação predominante é o cerrado, havendo transições para a mata ciliar nas encostas dos vales e a mata seca nos afloramentos das rochas. Seu aspecto me pareceu sofrido, talvez devido à estação seca, nos 15 km que percorri no interior do Parque. Apesar da posição urbana, os guarda parques comentam sobre mamíferos e aves de bom porte.

O PELG está bem estruturado, com portaria, centro de visitantes, visitas guiadas e sinalização, tendo suas terras sido já grandemente desapropriadas. Ao sul do centro de visitantes está a Fazenda Quebradas, um importante núcleo de agropecuária fundado 1½ séculos atrás, hoje em mau estado de conservação.

É visitado por 20 mil pessoas, das quais 60% escolares. É uma quantidade bem interessante, considerando que sua atração é apenas regional. Dispõe atualmente de quatro trilhas, de extensão modesta (talvez 4 km na

média), que permitem visitar atrativos como a Lapa Grande, o Boqueirão da Nascente, a Ponte de Pedra e a Lapa Pintada.

Nos sábados, é possível fazer um circuito ciclístico de 14 km numa direção norte-sul, que atravessa o Parque. Este percurso deve ser ampliado proximamente para 20 km. A rocha calcária permite escaladas de 50 m, até o grau 8 – porém não há qualquer menção a esta atividade no material do Parque.

É um Parque turístico, com trilhas largas através do mato um tanto escasso e passarelas para visitação das grutas. Suas cavernas não são realmente especiais, seja pelo tamanho ou decoração. Mas o Parque é uma proposta interessante, ao aproximar a natureza de uma população com pouca cultura sobre o meio ambiente.

No artigo seguinte, você conhecerá um conjunto de cavernas estupidas, onde foi inaugurada uma reserva que poderá ser uma das mais incríveis do Brasil.

Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente à pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel
Picus
com.br

Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

www.mountainvoices.com.br

GENUINAMENTE
ARTESANAL
PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470



EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR

PROJETADAS POR ESCALADORES
DURABILIDADE SUPERIOR



KIHÚ 2.0



SÍNTESE 2.0



GRANDE LESTE 2.0

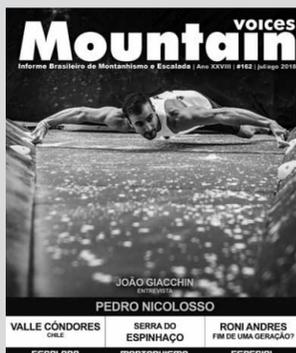
MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br.
Web site: www.mountainvoices.com.br.
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Pedro Nicolosso escalando no Chile. Imagem: Alexandre Ferreira.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/01/2018.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

162

Total00

TENAYA

CONFORTO
PERFORMANCE
SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



MY DEUTER IS MY

Freedom



deuter.com.br